

O sangue do vizinho

Evaristo Eduardo de Miranda

Vamos falar de um desses vizinhos que você não conhece. Apesar dele até freqüentar sua casa, é bem possível que nunca o tenha visto: o gambá. Pois é, quem mora na periferia das cidades brasileiras, ou mesmo em bairros residenciais com um mínimo de verde, convive com esse simpático e discreto orelhudo, branco e preto. Vamos logo avisando: ele não fede como o primo do mato, o cangambá, mas poderá vir a ser muito útil.

Pesquisadores descobriram no seu sangue um fator de coagulação quatrocentas vezes mais potente que o nosso! Por isso ele ataca jararacas, é picado, e nem sofre hemorragias. Talvez ele venha a ajudar-nos seriamente num futuro próximo: hemofilia, acidentes graves, diabetes e outros problemas poderão encontrar solução, graças ao sangue do gambá. Ainda bem que ele não foi extinto. Ainda bem que você nunca matou nenhum! Agora, razão a mais para não matar. Além de ser crime inafiançável, podemos estar eliminando soluções para problemas que nossos filhos, netos ou a gente mesmo venha a enfrentar.

O Brasil tem um dos maiores patrimônios faunísticos do planeta, principalmente em suas florestas tropicais. Se souber geri-lo poderá encontrar uma contribuição real para muitos de seus desafios. Veja só um outro exemplo.

Nos anos setenta a lepra começou a apresentar resistência aos antibióticos. A dificuldade em desenvolver novos medicamentos tinha uma razão: a bactéria só prolifera bem com temperaturas em torno de 32 graus. Animais de laboratório têm o corpo muito quente e nem todos desenvolvem a doença. Pesquisa-



dores só conseguiam reproduzir o bacilo nas patas e caudas de ratos, mais frias. Mas com dificuldades enormes. Aliás, essa é uma das razões pela qual o leproso tem suas extremidades atingidas em primeiro lugar: nariz, orelhas, etc. São as áreas mais frias do corpo. Haveria um mamífero de laboratório de baixa temperatura? Não, a grande maioria tem temperaturas superiores às do homem. De repente uma descoberta: existe um caso, os tatus. Resumamos: hoje os novos medicamentos testados contra a lepra, reduzindo o tempo de tratamento, só foram possíveis graças ao sangue frio do tatu. Levado para a Inglaterra, ele passou a ser criado em cativeiro e serviu de cobaia para o desenvolvimento de novas drogas.

Por falar em sangue... as primeiras transfusões mataram muita gente até que se descobriu o fator RH. O seu sangue é RH negativo ou positivo? Pois é, esse RH é uma homenagem ao Rhesus, um

macaco que serviu de base para essas descobertas científicas. A lista de bichos servindo ao progresso da medicina é imensa. Frações do veneno da cascavel ajudam a parar e até reduzir tumores cancerosos, curando ou facilitando sua extirpação. Outras frações servem como vasodilatador, ajudando no início de enfartes, trombozes, etc. Da agricultura até a conquista do espaço – os bichos foram os primeiros cosmonautas! – são muitas as atividades humanas beneficiadas pela fauna.

A biodiversidade das florestas tropicais pode reunir a solução para muitos problemas atuais e futuros no campo da saúde humana. Basta lembrar que 70% das 3.000 plantas, identificadas pelo Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos, com propriedades anti-câncer são originárias da floresta tropical úmida. Mesmo que não se conheça todo esse potencial de nossas florestas temos que criar parques e reservas de biodiversidade onde, como livros, essas espécies animais e vegetais sejam salvas do incêndio e dos desmatamentos. Precisamos nos educar para dividir a Terra com esses irmãos. Eles chegaram por aqui bem antes da gente e lhes devemos tanto. Tem muito ambientalista dando o sangue pela proteção da Fauna. Ela merece. Mas ela também tem dado e continuará dando o seu para ajudar a humanidade a viver melhor.

Evaristo Eduardo de Miranda é Doutor em Ecologia, professor da USP, pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA e presidente da ECOFORÇA.